



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 14, v. 2

nov.2020-abr.2021

p. 225-247

# A história que (quase) ninguém conta: as/os dissidentes do heteroCistema na educação básica e nas passarelas do samba

*(The story that (almost) nobody tells:  
the dissidents of heteroCistem  
in basic education and on the samba runways)*

*(La historia que (casi) nadie cuenta:  
los/las disidentes del heteroCistema  
en la educación básica y en las pasarelas del samba)*

Fabrizio Romani Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira de 2019 ainda não terminou. O enredo apresentado pela escola de samba, que trouxe questionamentos sobre a História narrada nos livros didáticos e denunciou a existência de uma série de páginas ausentes nessas obras, provocou a produção deste artigo. Entre as ausências nos livros de História, temos aquelas que contam as trajetórias individuais ou coletivas dos dissidentes do 'heteroCistema'. Onde estão as páginas que contam as histórias daqueles que não são heterossexuais, daqueles que não são cisgêneros ou, ainda, daqueles que não se enquadram nos binarismos sexual e de gênero? Buscando encontrar essas páginas, fui à procura de informações em livros didáticos de História e em enredos apresentados pelas escolas de samba nos carnavais do Rio de Janeiro, de São Paulo e Porto Alegre. Dessa forma, aqui, entendo a aula de História na educação básica e o desfile das escolas de samba como práticas de história pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História. História pública. Escola de samba. Gênero. Sexualidade.

**Abstract:** The 2019 parade of GRES Estação Primeira de Mangueira is not over yet. The plot presented by the samba school brought queries about the History narrated in textbooks and exposed the existence of a series of missing pages in these works, provoking the production of this article. Among the absences, it is not possible to find those that tell the individual or collective trajectories of the dissidents of the 'heteroCistem'. Where might be the pages that present the stories of those who are not heterosexual, those who are not cisgenders, or, still, those who do not fit into sexual and gender binarism? As a way to search for these pages, I sought information in History textbooks and in plots presented by samba schools in the carnivals of Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre. Thus, in this paper, I present the History class in basic education and the parade of samba schools as public history practices.

**Keywords:** History teaching. Public history. Samba school. Gender. Sexuality.

**Resumen:** El desfile del Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira en 2019 aún no ha terminado. El enredo presentado por la escuela de samba, que trajo cuestionamientos sobre la Historia narrada en los libros didáticos y denunció la existencia de una serie de páginas ausentes en esas obras, provocó la producción de este artículo. Entre las ausencias en los libros de Historia encontramos las que cuentan las trayectorias individuales o colectivas de los disidentes del 'heteroCistema'. ¿Dónde están las páginas que cuentan las historias de quienes no son

1 Professor de História da rede municipal de Farroupilha e da rede estadual do Rio Grande do Sul. Doutorando no PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: fabricio.rgomes79@gmail.com.



heterossexuais, de quem não são cisgêneros ou de aqueles que não se encaixam nos binarismos sexual e de gênero? Com a intenção de encontrá-los nessas páginas, buscou-se informação em livros didáticos de História e em enredos apresentados por escolas de samba nos carnavais de Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Dessa forma, conclui-se que a aula de História na educação básica e o desfile das escolas de samba são práticas de história pública.

**Palavras chave:** Ensino de História. História pública. Escola de samba. Gênero. Sexualidade.



As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.  
(*O perigo de uma história única*, Chimamanda Ngozi Adichie)

Era para ser somente mais uma noite de Carnaval. No meu caso, isso significa, na maioria das vezes, estar à frente da televisão assistindo aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Tal hábito, adquiri na infância. Seus significados foram se transformando com o passar do tempo, principalmente depois que ingressei no ensino superior e me transformei em um professor de História. Dessa forma, quando foi anunciado o desfile da Estação Primeira de Mangueira, em 2019, minha atenção aumentou. A cantora Alcione dava o tom do desfile. Ao ser entrevistada, durante a entrada da escola de samba na Avenida Marquês de Sapucaí, ela disse: “o dever da Mangueira não é só desfilar!”<sup>2</sup>. E foi o que aconteceu. O desfile da Mangueira ultrapassou o objetivo nada simples de conquistar mais um campeonato. Ele trouxe uma série de discussões e reflexões. Entre elas, a que mais me afetou foi a que tratava da História ensinada, presente ainda na memória de muitas pessoas. Por meio da forma como a escola de samba narrou biografias e episódios relacionados à história do Brasil, ficou evidenciado o questionamento. Leandro Vieira, carnavalesco, escreveu na sinopse do enredo: “‘História para ninar gente grande’ é um olhar possível para a história do Brasil. Uma narrativa baseada em ‘páginas ausentes’. Se a história oficial é uma sucessão de versões e fatos, o enredo que proponho é ‘uma outra versão’”<sup>3</sup>. Durante a transmissão do desfile, o carnavalesco enfatiza que a escola apresentará a história de “heróis populares que não foram para os livros, que a gente não aprende na escola”<sup>4</sup>.

Dessa forma, a expectativa sobre o desfile da Mangueira era grande. Meses antes de ele acontecer, trechos do samba-enredo, considerado um dos melhores do ano de 2019, digno de quatro notas dez<sup>5</sup>, foram compartilhados e comentados em diferentes redes sociais, bares, botequins e outros espaços de sociabilidade. Um dos principais trechos divulgados foi o que continha citação da vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Marielle Franco, executada em março de 2018. O nome de Marielle, no samba-enredo, está acompanhado pelo de Luiza Mahim, liderança da Revolta dos Malês, ocorrida em 1835 na Bahia. Duas mulheres negras importantes para a história do Brasil narrada pela Mangueira. Além dessas duas

2 Desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) Estação Primeira de Mangueira 2019, transmissão da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <https://bit.ly/3rqyBbh>. Acesso em: 15 jun. 2019.

3 GRES Estação Primeira de Mangueira: sinopse do enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/3b3KHC3>. Acesso em: 12 dez, 2019.

4 Desfile da GRES Estação Primeira de Mangueira 2019, transmissão da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <https://bit.ly/3rqyBbh>. Acesso em: 15 jun. 2019.

5 Carnaval 2019: justificativa dos jurados. *Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/37ZexWA>. Acesso em: 12 dez. 2019.



referências, a letra ainda traz o nome de Leci Brandão, relacionado à história do samba e, conseqüentemente, da Mangueira. A presença dos nomes de Marielle e Leci traziam, pelo menos para mim – mas acredito que também para outras pessoas –, a expectativa de que a escola tratasse de questões relacionadas à história da homossexualidade e/ou bissexualidade no seu “desfile-aula”. Tal expectativa foi criada porque Marielle, quando assassinada, estava em uma relação sexual-afetiva com Monica Benicio, presente no desfile. Já Leci, em entrevista concedida ao jornal *Lampião da Esquina*, em 1978, manifestava o desejo de que as pessoas enxergassem seu “lado homossexual como uma coisa séria”<sup>6</sup>, exigindo respeito. A Mangueira foi fenomenal, conquistou o título, porém ainda ficaram algumas “páginas ausentes”, a história do Brasil continuava incompleta. Onde estão as páginas da história das e dos dissidentes do heteroCistema<sup>7</sup>? Mas o desfile da Mangueira de 2019 não se encerrou! Alcione estava corretíssima!

Inspirados nesse grande desfile, professoras e professores da Rede Emancipa, movimento social de educação popular, promoveram em Porto Alegre (RS) o curso “Brasil: a história que a História não conta”. Tive a satisfação de ser convidado para ministrar a quinta aula do curso, intitulada “A luta dos LGBTs no Brasil”. Entre as organizadoras e os organizadores do curso, percebe-se a ideia de que a história da população LGBT no Brasil não é contada. Assim, a Mangueira provocou a reflexão e a conseqüente identificação de temas negligenciados pela História em âmbito nacional que possibilitaram a organização do curso. Ao preparar a aula, tive que fazer uma série de recortes para contemplar um tema tão amplo. Mesmo assim, ela ficou extensa! Não era possível deixar de aproveitar aquele raro momento de compartilhamento a respeito dessa história. Afinal, onde se ouvem, se leem, se veem informações sobre a história dos desobedientes do heteroCistema?

Este artigo é reflexo do desfile protagonizado pela Estação Primeira e do curso realizado pela Rede Emancipa, devido às inquietações que me trouxeram. Passei a pensar sobre questões como: onde está a história dos desviantes do heteroCistema? Onde se aprende sobre a história de homossexuais, bissexuais e transexuais, entre as outras possibilidades em relação à sexualidade e ao gênero? De que forma essas histórias chegam ao público brasileiro? Para buscar respostas, aproximei-me das noções e discussões a respeito da História Pública. Embora seja entendida a partir de diferentes perspectivas, neste texto, ela será entendida como uma forma de divulgação

6 Leci Brandão: mulher, negra e homossexual, *Lampião da Esquina*, [s. l.], n. 6, p. 10-11, nov. 1978.

7 Segundo França (2018, p. 35), “esta palavra é uma analogia da junção entre heterossexualidade e cisgeneralidade. Foi usada por Indianare Siqueira [...] para designar a imposição opressora normativa do sistema Cisgênero Heterossexual, sobre as outras identidades e sexualidades consideradas periféricas”. Dentro do heteroCistema, a sexualidade possível é a heterossexualidade, e o gênero é definido pelo sexo biológico a partir de uma perspectiva binária: sexo masculino/homem, sexo feminino/mulher. Quando me refiro aos dissidentes, desviantes, desobedientes do heteroCistema, estou me referindo àquelas e àqueles que não correspondem às expectativas do heteroCistema.



do conhecimento histórico para públicos mais amplos do que aquele situado nas universidades, em especial ligados à formação acadêmica na área de História<sup>8</sup>. Assim, destacarei duas práticas de História Pública fora do âmbito universitário. A primeira delas seria as aulas de história ministradas na educação básica, local privilegiado em que a professora ou o professor, geralmente com formação na área, leva o conhecimento histórico à grande parte da população brasileira por meio das aulas que desenvolvem<sup>9</sup>. A outra prática de divulgação de conhecimentos históricos que vou analisar é, justamente, os desfiles das escolas de samba produzidos por essas agremiações a partir dos anos 1980 no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre<sup>10</sup>. A partir dessas duas instituições, escola de educação básica e escolas de samba, pretendo refletir sobre o lugar ocupado pela história dos desviantes do heteroCistema e sobre as possibilidades de eliminar essas “páginas ausentes” na história do Brasil.

## 1. As/Os dissidentes na educação básica

“Vamos estudar as guerras mundiais este ano?” – esta é uma das perguntas que dificilmente fico sem responder no início do ano letivo. Depois da pergunta, geralmente, alguém tem algum comentário a fazer sobre Hitler, o nazismo ou Anne Frank. Fica evidenciado que existe um conhecimento histórico prévio entre os estudantes da educação básica sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Muitos, inclusive, acreditam que não há mais nada a saber. Já sabem tudo sobre esse evento histórico presente na literatura, no cinema, nas publicações de redes sociais, entre outras formas e possibilidades de veiculação de informações e conhecimentos sobre o passado. Porém, quando pergunto “O que foi a Revolta de Stonewall?”, consigo ouvir a conversa das merendeiras. Estamos longe de fazer que fatos e trajetórias considerados importantes para a história dos dissidentes do heteroCistema atinjam crianças, adolescentes,

---

8 Na apresentação do livro *Introdução à história pública*, fica o alerta de que “fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe uma pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente”. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 8)

9 A análise e reflexão sobre a aula de História na educação básica como uma prática de história pública tem gerado interessante diálogo. Teixeira e Carvalho (2019, p. 14) consideram que “a relação dos historiadores profissionais com o grande público tem se resumido quase sempre ao período escolar, quando o aluno está em contato frequente com o profissional de História (professor) e com o conhecimento historiográfico”. Para Andrade e Andrade (2016, p. 181), “a História escolar é, desde já, uma História Pública, embora o lugar que articule sua linguagem seja, fundamental e inequivocamente, o ambiente de encontro pedagógico de sujeitos peculiares, isto é, o lugar da escola”.

10 Ferreira (2011) analisa, a partir de uma perspectiva de história pública, o enredo “A mulata que era escrava”, apresentado pela GRES Acadêmicos do Salgueiro, em 1963, sobre Xica da Silva. Mauad (2018), a partir da mesma perspectiva, analisa o enredo “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?” apresentado pela GRES Paraíso do Tuiuti, em 2018.



jovens, adultos e idosos. Quais as possibilidades desses fatos e trajetórias se consolidarem na prática do ensino de História nas escolas de educação básica?

As possibilidades dessa consolidação podem ser vislumbradas a partir de publicações de origem governamental já no final do século XIX com a chegada dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Tema Transversal “Orientação Sexual”. Posteriormente, com a mesma origem temos as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica dando ênfase para uma “Educação em Direitos Humanos”, percebendo a educação básica como importante aliada no combate a todas as formas de preconceito. Embora os Parâmetros e as Diretrizes tenham possibilitado o avanço de diversos temas importantes no combate às desigualdades, preconceitos e discriminações, principalmente em relação às mulheres e à população negra, sobre os desviantes do heteroCistema, parece que não conseguimos avançar.

Durante o Simpósio Nacional de História organizado pela Associação Nacional de História (Anpuh), Souza (2019) apontou para algumas possibilidades em relação a essa falta de avanços. Segundo ele, “é compreensível que muitos professores tenham receio em abordar esse conteúdo, seja por falta de preparação ou, principalmente, pelos desafios que um tema envolto por tantos preconceitos e tabus impõe”. (SOUZA, 2019, p. 3) Compartilho de tal compreensão por ter consciência de que, assim como eu, muitas e muitos colegas não tiveram incentivos para acessar, no decorrer de sua formação como professoras e professores de História, questões sobre sexualidades e gêneros. Além disso, aparentemente, o clima político e social nunca foi adequado para o tratamento dessas questões no ambiente escolar. Se hoje as e os professores de História estão sob vigilância daqueles que nos chamam de doutrinadores e comunistas, agravando a situação de desconforto para abordar determinados assuntos, em períodos anteriores também nos faltou tal preparação ou reconhecimento de que as trajetórias de homossexuais, bissexuais e transexuais eram dignas e importantes para o desenvolvimento de conteúdos, habilidades e competências em nossas aulas.

Tal indignidade e/ou a falta de importância dada a essa presença nas aulas de História pode ser explicada pela noção de que esses assuntos relacionados à sexualidade seriam responsabilidade de outras áreas. Porém essa abordagem é, geralmente, realizada a partir de um viés natural/biológico. Esse indício pode ser observado na fala de um docente: “Geralmente, a gente aborda o tema biológico. Então, nas minhas aulas, quando chega a parte de reprodução, eu coloco na forma que acontece, a reprodução. Agora, o tema sexualidade, lógico, não tem como não falar, sempre coloco da maneira de prevenção, do lado preventivo”. (NEVES; SILVA, 2015, p. 43) Assim, ao relegarem a outras disciplinas a aprendizagem e reflexão sobre os dissidentes do heteroCistema, professores de História serão aliados, possivelmente, da invisibilidade desses



grupos ou, ainda, de discursos que colocam essas pessoas como protagonistas nas questões da saúde pública. Não que as questões relacionadas à saúde não devam ser tratadas, mas há um risco muito grande de os temas de sexualidades e gêneros fora da norma serem entendidos como doença e dependentes de tratamento. Professoras e professores de história precisam se apropriar dessas questões buscando romper com o viés biológico de explicação. Para que isso ocorra, precisamos ficar atentos à não presença desses temas em nossas aulas. Essa ausência tem relação com os conteúdos e métodos da disciplina que se consolidaram na cultura escolar:

A análise da disciplina em sua ‘longa duração’ visa fornecer alguns indícios para a compreensão da permanência de determinados conteúdos ‘tradicionais’ e do método da ‘memorização’, responsável por um *slogan* famoso da História escolar: uma ‘matéria decorativa’ por excelência. (BITTENCOURT, 2018, p. 46)

Dessa forma, antes dos conteúdos históricos estarem predeterminados, como estão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, por “tradição” já existiam conteúdos considerados indispensáveis para o ensino de História na educação básica. É possível perceber isso durante o processo de escolha de livros didáticos. São raras as obras que não apresentam a História de forma cronológica, dividida em quatro períodos, privilegiando os mesmos conteúdos. Mudança significativa tem sido percebida em relação à chegada de conteúdos sobre à África e os afro-brasileiros. Porém, como confirma Souza (2019, p. 8), “a diversidade sexual e de gênero não costuma ser um tema comumente contemplado no ensino de história, tampouco é constituinte de conteúdos convencionais do currículo dessa disciplina”. O assunto ainda é pouco tratado nos cursos superiores de História. E, mesmo compreendendo que a aula de História na educação básica não é uma forma de transmissão dos estudos acadêmicos, é possível considerar que a inexistência ou a invisibilidade que enfrentam os estudos históricos sobre as/os desviantes do heteroCistema nos cursos superiores podem refletir nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Na historiografia,

apesar dos estudos existentes, em função de relações de poder que ainda atravessam silenciosamente a escrita histórica dominante, o caminho para se reconhecer a existência de uma história homossexual [bissexual e/ou transexual] relegada[s] às sombras da história heterossexual ainda deve levar mais tempo para ser explorado de forma aprofundada e crítica. (SOARES, 2017, p. 3)

Dessa forma, percebemos que a homo-bi-transfobia age nos espaços educacionais comprometendo as práticas educacionais que buscam a construção de uma sociedade menos violenta, mais igualitária e, conseqüentemente, realmente democrática. Como lembra Dinis (2011, p. 43), “existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas”. A



partir desses silenciamentos ou dos discursos proferidos pelos profissionais que atuam nas escolas, Dinis traz para o contexto da educação o conceito de “amolador de facas”.<sup>11</sup> De acordo com ele,

embora não empunhem a arma, nem a faca que provoca diariamente o assassinato de pessoas que representam as minorias sexuais no Brasil, eles(as) são os(as) amoladores (as) de facas que colaboram indiretamente para tal genocídio, já que entender a homossexualidade como pecado, profanação do corpo e da sexualidade, como anormalidade e desvio de comportamento – discursos importados da religião, da mídia e das ciências psicológicas – são também as principais justificativas utilizadas por assassinos em série ou grupos de extermínio de travestis, transexuais, bissexuais, gays e lésbicas no Brasil. (DINIS, 2011, p. 46-47)

O cotidiano de violência sofrida pelas e pelos desobedientes do heteroCistema parece não ser suficiente para que existam trabalhos e conteúdos consolidados nas escolas que auxiliem no combate a essas práticas. Existe um forte discurso sobre a não importância da abordagem dessas questões nas salas de aula. Muitas professoras e professores só abordam se tiver alguma aluna ou aluno desviante. Momento de intenso debate político-educacional sobre a questão ocorreu recentemente no país, a partir das discussões sobre os planos nacional, estaduais e municipais de educação. Em um contexto delicado, o município de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, conseguiu aprovar, em 2015, importantes estratégias para a Meta 8, que pretende elevar a escolaridade média da população brasileira entre os dezoito e 29 anos, tendo em vista o combate às discriminações contra as populações dissidentes do heteroCistema. Entre elas, destaco as seguintes:

8.13 Colocar em prática, [...], política de formação continuada aos segmentos escolares, ampliando os espaços para reflexão nas escolas, que envolvam as famílias ou responsáveis legais, os estudantes e os profissionais da educação, docentes e não docentes, nas discussões sobre inclusão, questões de direitos humanos (criminalização da homofobia, por exemplo), etnia (racismo e xenofobia, por exemplo), gênero (descriminalização e regulamentação do aborto, por exemplo), sexualidade (identidades sexuais questionadoras da heteronormatividade), diversidade, segurança, etc.; [...]

8.22 Construir, em regime de colaboração, proposta para que nos currículos das graduações das Instituições de Ensino Superior se incluam conteúdos disciplinares e nas atividades curriculares dos cursos que ministram, temáticas relacionadas à sexualidade e a história dos movimentos feminista e LGBTs; [...]

8.23 Desenvolver [...] políticas para os alunos e as alunas LGBTs, excluídos do sistema de ensino, criando um ambiente social mais favorável e com equidade, no qual a escola seja um espaço em que as discussões sobre a sexualidade façam parte do cotidiano de modo a minimizar toda forma de evasão ou a exclusão por motivo de homo, lesbo ou transfobia, promovendo ações que favoreçam a autoestima e a autoimagem do aluno ou aluna LGBT e combatam a violência contra esses grupos; [...]

8.26 Garantir [...] a inserção da realidade [...] LGBT em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com as comunidades, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior, promovendo o ensino de História [...] dos Movimentos LGBTs. (FARROUPILHA, 2015, p. 147-151)

11 O conceito de “amolador de facas” foi criado pelo psicólogo Luis Antonio Baptista.





Levando em consideração a faixa etária que a Meta 8 pretende atingir, percebe-se uma preocupação especial com a Educação de Jovens e Adultos e com o ensino superior. Além disso, fica nítida a vontade de envolver cursos de formação continuada, além do magistério, outros segmentos escolares, inclusive as famílias, entendendo que o combate a formas de discriminação e violência sofridas pelas/pelos dissidentes da heteronormatividade está para além dos muros das instituições de ensino. A preocupação com a elaboração de material didático e de apoio pedagógico é um indício da falta desse tipo de recurso ou da falta de conhecimento sobre o material existente. Fica evidente, também, a preocupação com a ‘história dos movimentos LGBTs’, vista como conteúdo importante para a construção da autoestima dessa população. A atenção a esses movimentos já começa a ser percebida em alguns livros didáticos, que ainda são um importante aliado das e dos professores de História.

Entre as obras disponíveis para escolha no PNLD de 2017 (utilizados em 2017, 2018 e 2019), na área de História, tínhamos a coleção “História nos dias de hoje”. Essa obra traz o Quadro Complementar intitulado “*Stonewall* e o direito da diversidade sexual”, com o objetivo de aproximar as disciplinas de História e Geografia. No texto, de meia página, destaca-se que a “Revolta de *Stonewall* tornou-se um marco na defesa dos direitos civis dos homossexuais”<sup>12</sup>; além disso, considera a revolta como movimento de origem das “Paradas do Orgulho Gay, que se realizam em diversos países do mundo e em várias cidades brasileiras”. (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF, 2015, p. 255) Tais informações fazem parte do capítulo 12, “A era da contestação”, e estão acompanhadas de discussões sobre os movimentos feminista, negro, hippie e o “Maio de 1968”. O texto acaba tornando invisível o protagonismo de transexuais e travestis em *Stonewall* e ao tratar das paradas, como a do orgulho gay, omite outras e outros desviantes do heteroCistema. Nas atividades sugeridas pelo capítulo, existe a de criação de um “pequeno dicionário conceitual”. Entre os conceitos sugeridos para tal elaboração está o “movimento LGBT”. (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF, 2015, p. 265)

Outro momento de invisibilidade trans e travesti é encontrado no capítulo 4: “A Primeira República”. Mais uma vez, em um Quadro Complementar, agora intitulado “Canto de entrada”, o assunto principal é a capoeira. O texto se encerra da seguinte forma:

Mas, apesar da repressão e da apropriação, a capoeira, como outras manifestações afro-brasileiras, passou uma rasteira nas autoridades e nas elites. Continuou a ser praticada e muitos capoeiristas entraram para a história, por meio de narrativas, cantigas e ladainhas que os eternizaram, como o Besouro Mangangá (1897-1924), na Bahia, ou Madame Satã (1900-1976), no Rio de Janeiro. (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF, 2015, p. 79)

---

12 Grifos no original.



O fato de Madame Satã (1900-1976) ser um desviante não é mencionado, por exemplo. Seu nome volta em uma sugestão de atividade para pesquisa na internet. (CAMPOS; CLARO; DOLHNIKOFF, 2015) É possível que muitas professoras e professores desconheçam essa parte da história e da importância da capoeira para Madame Satã se manter viva. Porém não é possível negar a relevância desses momentos trazidos pelo livro didático. O aprofundamento das questões relacionadas e levantadas aqui pode ficar sob responsabilidade da professora e do professor no desenvolvimento das aulas. Já é importante o fato de, em dois momentos, pelo menos, existir a possibilidade de promover reflexões sobre as populações dissidentes. A presença da Revolta de Stonewall e de Madame Satã em obras do PNLD de 2017 trouxe uma possibilidade para que, no PNLD de 2020, essas questões fossem aprofundadas, principalmente após a aprovação da BNCC. Para os anos finais do Ensino Fundamental, esse documento indica a construção das seguintes habilidades na disciplina de História:

EF09HI26. Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres, etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. [...]. EF09HI36. Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência. (BRASIL, 2018, p. 30-31)

A partir da habilidade de “discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas”, pressupõe-se que as coleções didáticas para o ensino de história iriam abordar questões referentes à população homossexual, já que as transexualidades ficam invisibilizadas. Porém, aparentemente, há um recuo na temática em relação à obra citada anteriormente. Destaco aqui cinco coleções do PNLD 2020, já que não é meu objetivo fazer uma análise de todas as obras aprovadas refletindo sobre como elas contemplaram a BNCC nesse tema. A coleção “Geração Alpha” traz trechos de um texto de Drauzio Varella refletindo sobre a homossexualidade e a questão de ela ser tão natural quanto a heterossexualidade, e três questões sobre ele: “a) Segundo Drauzio Varella, a homossexualidade seria uma escolha? Explique; b) A qual violência contra os homossexuais ele se refere no texto?; c) Você concorda com a opinião do autor no texto ou discorda dela? Justifique”. (NEMI; REIS; MOTOOKA, 2018, p. 229) É lamentável que uma das questões propostas solicite que estudantes do final do Ensino Fundamental opinem a favor ou contra o autor. Não há nenhuma solicitação para pesquisa sobre o assunto, por exemplo. Busca-se somente uma opinião a partir de um pequeno texto, podendo o desenvolvimento da atividade levar à consolidação de estereótipos e preconceitos. As outras quatro obras pertencem às coleções “Teláris”, “Vontade de Saber”, “Araribá Mais”



(MODERNA, 2018) e “Historiar”. Os três últimos ‘jogam’ a homossexualidade em textos sobre diversidade e ações afirmativas, não tratando de forma mais específica.

No caso do exemplar destinado ao nono ano, a coleção “Teláris” traz um boxe intitulado “Conheça Mais”. Nele aparece a vereadora do PSOL, Marielle Franco. No texto não se faz nenhuma referência à homossexualidade ou bissexualidade dela. Porém vai dizer que a vereadora lutava a favor dos direitos humanos, “com destaque para as mulheres, os afrodescendentes e a comunidade LGBT”. Além disso, existe uma explicação para a sigla LGBT: “sigla utilizada para denominar quem se difere da orientação heterossexual, como homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros”. (VICENTINO; VICENTINO, 2018, p. 231) Fica notório o problema de se considerar sexualidade e identidade de gênero a mesma coisa.

Percebe-se que, apesar da presença de uma habilidade em que fica explicitado o estudo de questões relacionadas à homossexualidade, pelo menos não se garante o avanço no tratamento do tema. As coleções observadas, disponíveis no PNL D 2020, não sugerem uma discussão satisfatória em relação ao tema, podendo inclusive gerar uma percepção de que a homossexualidade é questão de opinião, colocando as e os estudantes em situação de concordar ou não com ela a partir de uma discussão sobre se é algo natural ou opcional. Dessa forma, mesmo com a presença da obrigatoriedade do assunto na BNCC, o caminho é longo para que a escola consiga ser um espaço amplamente democrático e deixe de ser uma instituição que ‘amole facas’. Em entrevista, um professor diz: “eu penso que essas pessoas estão envolvidas nestes projetos que na maioria das vezes são homossexuais”. (NEVES; SILVA, 2015, p. 50) Dessa forma, a ausência de desobedientes do heteroCistema na escola, seja entre as/os docentes, seja entre as/os estudantes, ‘joga’ o assunto para a insignificância. A ausência de conflitos nesse sentido faz que a discussão do tema seja omitida e as aprendizagens deixam de ser incentivadas.

## 2. As/os dissidentes nas passarelas do samba

O processo de oficialização dos desfiles carnavalescos, durante os anos 1930 no Rio de Janeiro, por meio dos governos de Getúlio Vargas, fez surgir um novo estilo de samba, o samba-enredo. Entre as décadas de 1930 e 1950, esses sambas, construídos a partir do enredo apresentado pela agremiação carnavalesca, foram marcados pela influência de questões relacionadas à construção da nacionalidade. Assim, muitos desses enredos e, conseqüentemente, os respectivos sambas-enredo vão apresentar a ‘história oficial do Brasil’. Vem daí essa relação dos sambas produzidos para os desfiles com a História, seu papel será, quase exclusivamente, narrar a história oficial do Brasil (inclusive todos os heróis do panteão nacional), as riquezas



naturais e o povo brasileiro. Segundo Simas e Fabato (2015, p. 28), “para homens do poder, as agremiações funcionavam como livros didáticos para uma população sem livros didáticos, com precário contato com a cultura formal, escrita dentro dos cânones ocidentais”. Através de diferentes políticas públicas, hoje os livros didáticos são comuns a grande parcela da população em idade escolar no Brasil. Porém, em relação à história dos dissidentes do heteroCistema, percebemos que existem ‘páginas ausentes’ nesses livros. Será que a História, narrada pelas escolas de samba, conseguiu incluir essas páginas?

Para buscar informações sobre como as escolas de samba trataram dos assuntos relacionados aos dissidentes, pesquisei desfiles, sinopses e sambas-enredo a partir do Carnaval de 1980. Optei por essa data acreditando que a formação do grupo Somos, em São Paulo, no final dos anos 1970, possibilitou maior visibilidade aos grupos desviantes. A publicação do jornal *O Lampião da Esquina*, no mesmo período, também contribuiu para essa identificação, principalmente dos homossexuais masculinos. A partir disso, a primeira referência que encontrei nos sambas-enredo foi em uma obra do Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) Beija-Flor de Nilópolis. O samba produzido para contar o enredo “A Lapa de Adão e Eva” trazia, ao final da sua penúltima estrofe, a expressão “gay é sucesso”<sup>13</sup>. O jornal *O Globo* explica as ideias do carnavalesco Joãozinho Trinta para aquele carnaval: “Eva comeu a banana, e não a maçã do pecado, oferecida por uma serpente, na figura do falecido e legendário travesti da Lapa, Madame Satã”<sup>14</sup>. Tratava-se de uma adaptação da história bíblica de Adão e Eva. No desfile das campeãs (a escola conquistou o vice-campeonato), Paulo Stein anunciava, durante a transmissão realizada pela TV Manchete: “aí você vê o carro dos gays”. O comentarista Haroldo Costa complementa: “é o Cinema Íris”<sup>15</sup>. Assim a Beija-Flor levou para a avenida um importante espaço de sociabilidade entre homens homossexuais dos anos 1980. A frequência de gays nesse local fica evidente na reportagem “Novo ‘marketing’ do Cinema Íris: mulher entra de graça”.

O Cinema Iris, um dos mais antigos do Rio de Janeiro, vai adotar uma nova política de marketing para mudar a sua imagem. Ponto de encontro de homossexuais, o cinema está, desde ontem, com entrada franqueada para mulheres. Com esforço, o ingresso masculino, que hoje custa Cr\$ 100, deverá dobrar na próxima semana. [...] Uma das oito herdeiras do Iris, Nezy Cruz Sampaio, estima que atualmente, para cada mulher, entram 150 homens no cinema. Ela pretende adotar, em breve, uma série de medidas em benefício da campanha de moralização do local. [...] Fundadora e ex-presidente da Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca (Sarca), Nezy afirma, com veemência, não ter preconceito em relação aos homossexuais. Ela explica que seu objetivo, com as mudanças recentemente adotadas, não é afastar o público tradicional do cinema, mas estabelecer um limite para a permissividade. [...] Eu admito que o Cinema Iris

13 Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis: Carnaval de 1985. Samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3bUiY67>. Acesso em: 16 dez. 2019.

14 *O Globo*, 17 fev. 1985, p. 17. disponível em: <http://glo.bo/3rbyTmT>. Acesso em: 1 mar. 2020.

15 Beija-Flor de Nilópolis – Desfile das campeãs 1985 – A Lapa de Adão e Eva. 1985. 1 vídeo (78min). Publicado pelo canal Eduardo Rodrigues. Disponível em: <https://bit.ly/3bUibSL>. Acesso em: 17 dez. 2019.



permaneça como ponto de encontro e de namoro dos homossexuais. Só não aceito que eles transformem o cinema em motel. [...] Ao tomar algumas ações em relação a isso anteriormente, os homossexuais reagiram: [...]. A consequência foi o seu esvaziamento: os homossexuais, em greve, passaram a dar preferência aos cinemas São José e Marrocos, próximos ao Iris. Para não falir, Nezy da Cruz se viu forçada a rever as decisões. [...] Agora ela acha que vai dar certo porque os cinemas São José e Marrocos não existem mais! [...]. Nezy Cruz confessa que, recentemente, ficou sabendo que ‘até em Paris, os homossexuais conhecem o Cinema Iris’. Portanto – afirma –, o Iris é folclore e, como tal, deve ser preservado<sup>16</sup>.

Está explicado por que a Beija-Flor escolheu nomear o ‘carro dos gays’ como Cinema Íris. A reportagem de 1982 fornece indícios sobre as polêmicas envolvendo o local, sendo importante ponto de encontro e sociabilidade de homens que buscavam relacionamentos afetivos e/ou sexuais com outros homens. A responsável pelo cinema demonstra já ter tentado dar ‘limites’ aos frequentadores, mas não obteve sucesso. A fama do local chegava a cidades europeias, como Paris. Além da Beija-Flor, outras escolas de samba, ainda nos anos 1980, fizeram referências às populações desviantes.

O GRES São Clemente, em um samba-enredo que denunciava o caos na saúde pública brasileira, em 1986, canta na Avenida Marques de Sapucaí: “É aids sim!”<sup>17</sup>. Ao criticar os acordos nacionais com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a falta de investimentos na saúde, a escola de samba reclama por atendimentos a pessoas infectadas com o vírus da aids. Naquele período, ainda era comum homens gays serem vistos como os únicos atingidos pelo vírus, fazendo alguns nomearem a doença como ‘câncer gay’ ou a definirem como ‘castigo divino’. Assim, a escola de samba vira uma porta-voz das demandas de boa parte dos movimentos sociais de homossexuais que concentraram suas lutas buscando atendimento digno às pessoas infectadas na época.

Já em 1993, com o enredo “Cerimônia de casamento”, a Portela, uma das mais antigas agremiações carnavalescas do Rio de Janeiro, faz referência ao casamento entre homossexuais com a Ala da Comunidade II: Comunidades Gays. O apresentador Fernando Vanucci, por muitos anos responsável pelas transmissões do Carnaval Globeleza, diz: “agora vem a parte engraçada do desfile da Portela, a ala da comunidade, mostrando um novo tipo de casamento, de gente do mesmo sexo, homem com homem, mulher com mulher”<sup>18</sup>. A parte cômica, aparentemente, fica por conta do narrador do desfile. A Portela parece estar querendo mostrar, através do seu enredo, as várias possibilidades de ‘casamento’, para além das regras do heteroCistema. A escola ainda

16 Novo ‘marketing’ do Cinema Íris: mulher entra de graça. *O Globo*, 4 mai. 1982, p. 20. Disponível em: <http://glo.bo/3kAQGld>. Acesso em 01 mar. 2020.

17 Grêmio Recreativo Escola de Samba São Clemente: Carnaval de 1986. Samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3sMjmdV>. Acesso em: 13 dez. 2019.

18 Portela 1993 – Cerimônia de Casamento. 1993. 1 vídeo (79 min). Publicado pelo canal Thiago Tapajós. Disponível em: <https://bit.ly/3sFet6c>. Acesso em: 20 dez. 2019.



traz um setor sobre os problemas no casamento, entre eles a traição. Essa questão já havia sido abordada pela Unidos da Tijuca em 1986.

Naquele ano, a escola do Morro do Borel trazia o enredo “Cama, mesa e banho de gato”. A letra do samba-enredo já transmite a perspectiva dada pela agremiação às relações monogâmicas:

O homem orgulhoso como que  
 Não se sente feliz com a sua matriz  
 Montou uma filial  
 Mostra os pecados capitais no Carnaval [...]  
 Lá vai o trouxa  
 Crente que está numa boa  
 Mas não sabe que a patroa  
 Está com o Ricardão [...].<sup>19</sup>

Partindo do exemplo de um casal heterossexual, a escola insinua a existência de uma ‘filial’, uma amante para o esposo e, para a esposa, um ‘Ricardão’, expressão utilizada para se referir a homens que mantêm relações sexuais com mulheres casadas. Até aí, somente a monogamia é questionada. A princípio, mulheres têm relações sexuais com homens e vice-versa. Entretanto a escola vai além e questiona a rigidez das normas sexuais do heteroCistema a partir dos seguintes trechos:

Tem piranha no almoço  
 Tem virado no jantar  
 Pra quem tem fome  
 Qualquer prato é caviar [...]  
 Bota o prato na mesa  
 Tudo que vier eu traço  
 Prepare a cama  
 Que hoje tem banho de gato

O personagem do enredo, ‘um homem orgulhoso’, sobre o qual dizem ser ‘machista’, como já vimos, além da ‘matriz’, tem uma ‘filial’. Sua ‘matriz’ não é tão sua, tem encontros com o ‘Ricardão’. Mas, se ele ainda ‘tem fome’, come ‘piranha no almoço’ e ‘virado no jantar’. Em diversos momentos, senão em todos, quando a escola de samba canta o verso “tem virado no jantar”, é possível ouvir ‘tem veado no jantar’. Dessa forma, esse homem, que estaria em um relacionamento afetivo-sexual heterossexual, também se aventura em relações sexuais com outros homens. O samba também faz referência às mulheres lésbicas, dizendo que a filha do protagonista tem fama de ‘sapatão’. A Unidos da Tijuca provoca, assim, um questionamento às identidades sexuais fixas, trazendo também a bissexualidade e/ou pansexualidade para a avenida. A possibilidade da prática de relações sexuais com mulheres trans e travestis também não fica excluída, já que ‘tudo que vier [ele] traça’. Roberta Close, conhecida mulher trans do período,

19 Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca: Carnaval 1986. Samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3sFAj9I>. Acesso em: 14 dez. 2019.



por exemplo, estava presente no desfile da Unidos da Tijuca, em 1986, sendo um dos destaques principais de um dos carros alegóricos. O desfile polemizou, pois:

a composição expunha para a sociedade conservadora temas considerados obscenos para a época, como a validação da amante, da poligamia, o machismo, o homem casado traído, o homossexualismo<sup>20</sup> [sic], o sexo livre. Contam que até mesmo as baianas mais antigas da escola empreenderam reza forte contra o desfile. Como praga de sambista costuma pegar de jeito, o castigo chegou com toda força para a Unidos da Tijuca na hora H. (FARIAS, 2014, p. 100-101)

Os castigos sofridos pela escola naquele desfile teriam sido a quebra do carro alegórico Motel dos Prazeres e “numerosos protestos dos tradicionalistas” (FARIAS, 2014, p. 101). Essa opinião não foi unânime. Albino Pinheiro (1934-1999), fundador da Banda de Ipanema, durante a transmissão do desfile da escola de samba pela extinta TV Manchete, fez o seguinte comentário:

A liberdade que raiou, ela permitiu que na linha de samba-enredo tivesse praticamente duas vertentes fortes neste carnaval de [19]86. Uma foi aquela que seguiu o caminho da direção diretamente política [...] no sentido da crítica direta, é óbvia, quer dizer a denúncia direta do FMI, a denúncia direta do imperialismo, [...] várias escolas tiveram essa linha. Outras escolas [aproveitaram] esse momento de liberdade para usar uma linguagem mais franca, que foi o caso da Unidos da Tijuca. Mas parece que a liberdade machucou um pouquinho certo tipo de gente preconceituosa que reagiu contra essa liberdade da linha do Unidos da Tijuca. Na verdade, são duas formas de liberdade, duas formas de comportamento livre, e não confundir nunca esse carnaval do Unidos da Tijuca com licenciosidade. Havia gente preconceituosa que diria, ‘grande parte do morro não vai descer porque esse é um enredo que machuca as nossas tradições, e os nossos comportamentos etc. e etc.’ Tudo bobagem! A Unidos da Tijuca tá descendo aí com o peso de seus componentes e vai provar que mais uma vez, o preconceito é derrubado pela liberdade!<sup>21</sup>

O comentarista analisa o desfile da escola como uma forma de liberdade, praticada de diferentes maneiras pelas mais variadas escolas de samba no período. Contudo pensa que as críticas sofridas são uma demonstração de preconceito, afirmando que os integrantes da Unidos da Tijuca desceram o morro para defender e cantar a proposta. Seios à mostra e a presença de diversos grupos desobedientes do heteroCistema, assim como o desfile da escola, são provas dessa liberdade. Já citamos a presença de Roberta Close nos desfiles. Em relação às trans e travestis, nos anos 1990, elas ganham visibilidade também no samba-enredo.

O Dragão da Leopoldina, como ficou conhecido o GRES Independentes de Cordovil, as citará em seu samba de 1991. “Ela, ele e eles, possuidores da noite” é o título do enredo que, “com respeito aos transformistas, prostitutas e sambistas”, pede licença para tratar sobre o “esplendor da noite”. Nesse sentido, chama “malandro e cana-dura, cafetinas, travestis dos

20 Desde os anos 1980, no mínimo, movimentos dos dissidentes do heteroCistema buscam o fim do uso da expressão ‘homossexualismo’ que remete à ideia de doença e sua substituição pela expressão homossexualidade. Porém é uma luta que não cessou e precisa ser retomada quase cotidianamente.

21 Unidos da Tijuca 1986 – Cama, mesa e banho de gato. 1986. 1 vídeo (65 min). Publicado pelo canal Daniel Marques. Disponível em: <https://bit.ly/3suoqnj>. Acesso em: 21 dez. 2019.



pontos da cidade” para a Marquês de Sapucaí<sup>22</sup>. As travestis e as transformistas são entendidas como figuras da noite. Em 1990, o GRES Caprichosos de Pilares já havia feito a mesma referência. Por meio do enredo “Com a boca no mundo”, a escola de samba trazia como destaque em seu carro alegórico Na Boca da Noite, Laura de Vison (1939-2007), conhecida como professora, atriz e transformista<sup>23</sup>. Existem diversas referências a ela em sites, alguns sugerem que Laura de Vison era uma das personagens de Norberto Chucri David. Outros nos levam ao entendimento de que Laura era uma mulher trans. Por sua atuação em boates do Rio de Janeiro, veio associada a uma personagem da noite, assim como as travestis e transformistas citadas no samba-enredo da Independentes.

Outra figura importante, ora tratada no feminino, ora no masculino, merecedora de um enredo contando sua história, foi Madame Satã. Não encontrei fontes onde Madame Satã pudesse informar uma forma de tratamento preferida. Já falamos dele quando foi citado em livro didático de história como um importante capoeirista. Ele foi citado, também, no enredo da Beija-Flor de 1985. Era a cobra naquele enredo, sendo representado por Jorge Lafond (1952-2003). Ele volta ao nosso texto, pois, em 1990, a Sociedade Recreativa Escola de Samba Lins Imperial tinha Madame Satã como enredo. No samba, é chamado de ‘malandro’, ‘anjo que o inferno acolheu’<sup>24</sup>; na narrativa, percebe-se que era figura que circulava pela Lapa, por ‘casas de tolerância’. A letra do samba não menciona sua homossexualidade nem o chama de travesti, como fez o jornal *O Globo* em reportagem citada anteriormente. Porém sua homossexualidade é sugerida em diversos momentos do desfile da Lins. Segundo Green (2019, p. 159), “ele se diferencia de outros homossexuais, por ter sido uma bicha que buscou defender-se, por todos os meios necessários, contra seus agressores. Madame Satã jamais tentou esconder o fato de que gostava de sexo com homens”. Não há dúvida, no entanto, que o desfile da Lins Imperial, em 1990, foi o mais importante, até aquele momento, para tirar da invisibilidade a trajetória de personagens da história do Brasil dissidentes do heteroCistema.

Trinta anos depois desse importante desfile no Carnaval carioca, em 2020, a GRES Acadêmicos do Grande Rio faz uma narrativa biográfica de Tata Londirá (1914-1971). De acordo com a sinopse do enredo, escrita pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora:

É com as bênçãos dos deuses apregoados que o GRES Acadêmicos do Grande Rio, nas águas correntes do sonho, levará ao asfalto sagrado uma história dos Brasis profundos.

22 Grêmio Recreativo Escola de Samba Independentes de Cordovil: Carnaval de 1991. Samba-enredo. Disponível em: <http://bit.ly/2Obmn8u>. Acesso em: 18 dez. 2019.

23 Desfile completo Caprichosos de Pilares 1990 – Globo. 1990. 1 vídeo (67 min). Publicado pelo canal Thiago Tapajós. Disponível em: <https://bit.ly/3kEWLwX>. Acesso em: 21 dez. 2019.

24 Sociedade Recreativa Escola de Samba Lins Imperial: Carnaval de 1990. Samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3bT958X>. Acesso em: 16 dez. 2019.





Um olhar para o nosso passado e para o legado de um líder negro, homossexual e nordestino, bailarino que ousou dançar com o poder instituído e enfrentou, queixo alto e voz potente, as navalhas do preconceito.<sup>25</sup>

Esse espaço de trinta anos entre as biografias não pode ser considerado um período de ‘páginas ausentes’. Em 2004, com o enredo “Vem vestir a camisinha, meu amor!”, a Grande Rio fez referência à comunidade ‘GLS’. Na sinopse, a escola de samba lembrava: “Gays, Lésbicas e Simpatizantes [GLS]: que todos vivam em liberdade, mas tenham cuidado, usem camisinha”<sup>26</sup>. Em 2007, a São Clemente, com o samba-enredo “Barrados no baile”, cantou: “Em busca da felicidade, no meu arco-íris, não tem preconceito, respeito o direito à sua opção”. A ‘galera do arco-íris’, como chamou a agremiação, vinha no segundo setor da escola. Segundo a sinopse do enredo,

com a visibilidade da pós-modernidade aqueles que amam pessoas do mesmo sexo estavam incluídos no contexto da livre expressão, pois a frase da hora dizia: faça amor, não faça a guerra! Londres vira Meca dos exilados sexuais: homossexuais, heterossexuais, pansexuais e multisssexuais. Não deviam existir regras para o amor, ele deve seguir apenas o respeito e a liberdade.<sup>27</sup>

Em 2006, no Carnaval anterior ao “Barrados no Baile” da São Clemente, o GRES União do Parque Curicica fez o primeiro enredo tratando, especificamente, de parte dos desviantes do heteroCistema. “GLS com a bandeira da alegria, o babado da Curicica no carnaval é só alegria!” era o título do enredo apresentado. Percebe-se o uso da sigla GLS, mais uma vez, fazendo referência a gays, lésbicas e simpatizantes. Ficam invisibilizadas as dissidências da cisgeneralidade, já que as travestis e os/as transexuais não são referidos. Também é possível que o uso seja reflexo do não entendimento no período sobre as diferenças entre sexualidade e gênero, fazendo que homens e mulheres trans ainda sejam entendidos como gays e lésbicas. O samba-enredo se refere às/aos dissidentes como integrantes de um movimento social e lhes confere status de organização mundial ao cantar: “GLS é movimento mundial”. Isso fica evidente em outro trecho do samba quando se reivindica o direito ao “casamento e adoção”:

É nova era! Vou embarcar nessa viagem  
Com fascinantes personagens  
Vivendo a emoção do mundo gay  
E com direito a casamento e adoção  
Ô da gravata, deixa de graça  
Assuma logo a sua opção  
Dá um close nela, é ele ou ela?<sup>28</sup>

25 Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio: Carnaval de 2020. Sinopse e samba-enredo de 2020. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3bRKqS5>. Acesso em: 16 dez. 2019.

26 Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio: Carnaval de 2004. Sinopse e samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3bYILv0>. Acesso em: 15 dez. 2019.

27 Grêmio Recreativo Escola de Samba São Clemente: Carnaval de 2007. Sinopse e samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3rn6YRn>. Acesso em: 15 dez. 2019.



O trecho também chama atenção para as ‘personagens fascinantes’, como Roberta Close, ícone dos carnavais nos anos 1980 no Rio de Janeiro e figura constantemente presente em capas de revista e reportagens em diferentes meios de comunicação em que grande atenção era dada a seu sexo, sua sexualidade e seu gênero. Como desviante das normas, Roberta Close chamava atenção e era audiência para os mais diversos diálogos sobre sua vida íntima. A lembrança dessa personagem importante pode ter vindo acompanhada de outras.

As questões políticas que envolvem a vida dos dissidentes também estão presentes na letra do samba. Há reivindicação aos “da gravata”, para que assumam “logo a sua opção” sobre os temas apontados. Além disso, a questão de assumir sua opção também pode estar sendo utilizada para que as/os dissidentes sejam encorajados a evidenciar seus desregramentos. Aqui, novamente, pode-se entrar na discussão sobre a ‘opção’ em ser homossexual ou bissexual, entre outras possibilidades. Esse assunto também está presente na sinopse do enredo:

Há quem diga que é doença, hereditariedade familiar, isso tudo não passa de preconceito barato e discriminação. As pessoas de bem acham lindo da família dos outros, mas são incapazes de aceitar ou sequer admitir existir na própria família, como um ditado velho: ‘prefiro meu filho bandido do que homossexual’.

A escola tem noção de estar tocando em um tema delicado: “hoje vamos mostrar em forma de Carnaval o movimento cultural e justo do mundo homossexual, sabendo que é um assunto ainda delicado e não aceito”. No mesmo ano, em Porto Alegre, a Sociedade Cultural Beneficente Os Filhos da Candinha apresentou o enredo “Nas cores do arco-íris, um novo mundo é possível”. Eduardo Conill, colunista do jornal *Correio do Povo*, em janeiro de 2006, anunciava que a escola viria com um “enredo homossexual”<sup>29</sup>. Em análise do desfile, publicada no encarte especial sobre o carnaval daquele ano, divulgou-se que “Os Filhos da Candinha desfilou ao amanhecer de segunda-feira com um enredo descontraído, que pintou a avenida com as cores do arco-íris”<sup>30</sup>. O tema é entendido como ‘descontraído’. Tal enredo rendeu convite para a escola participar da Parada do Orgulho Gay, no Parque Redenção, onde “cerca de 6 mil pessoas” conferiram a “apresentação da escola de samba Filhos da Candinha, grupos de dança, teatro, artistas circenses, além de drag queens, travestis e transformistas”<sup>31</sup>. A escola pretendeu em seu

28 Grêmio Recreativo Escola de Samba União do Parque Curicica: Carnaval de 2006. Sinopse e samba-enredo. *Galeria do Samba*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3kFhaSl>. Acesso em: 22 dez. 2019.

29 *Correio do Povo*, 29 jan. 2006, p. 15. Acervo digital. Disponível em: <https://bit.ly/3rcPyXj>. Acesso em: 14 jan. 2020.

30 *Correio do Povo*, 28 fev. 2006, p. 13. Acervo digital. Disponível em: <https://bit.ly/3rcPyXj>. Acesso em: 14 jan. 2020.

31 *Correio do Povo*, 7 ago. 2006, capa. Acervo digital. Disponível em: <https://bit.ly/3rcPyXj>. Acesso em: 14 jan. 2020.



enredo, entre outras coisas, buscar a origem da homossexualidade. Um trecho do samba mostra essa preocupação:

Abençoi, Senhor! Com respeito à liberdade  
Sem limites para o amor  
Um novo mundo multicolor  
Onde a diversidade tem o seu valor  
Mitos, lendas, rituais  
Da Grécia o legado, o amor sem pecado: natural.<sup>32</sup>

O samba-enredo da Os Filhos da Candinha busca um retorno à Antiguidade Clássica para afirmar que não existiam limites para o amor e que as práticas resultantes dessa falta de limites não eram um “pecado”, pois seriam consideradas “naturais”. Mesmo assim, o samba pede a bênção do “Senhor” para o “respeito à liberdade”. É claro que a narrativa histórica que percebe a aceitação social da diversidade sexual na Grécia Antiga pode ser questionada e analisada mais profundamente. Porém, aqui, pretendo atentar ao fato de essa narrativa feita pela escola de samba ir buscar as origens da diversidade em relação às práticas sexuais.

Esse retorno, essa busca por uma origem histórica, também vai estar presente no enredo do Grêmio Recreativo Cultural e Beneficente Em Cima da Hora Paulistana. Em 2014, quando a escola apresentou no Carnaval de São Paulo o enredo “Homofobia é crime: amai-vos uns aos outros... Como eu vos amei!”, ocorreu desconto na nota de enredo, pois “a escola não apresentou as alas: Alexandre, o Grande; Júlio César; Gengis Khan; Indústria Gay e Estado Laico, de acordo com o cronograma do desfile proposto pela agremiação, comprometendo o entendimento do enredo, principalmente, no primeiro setor”<sup>33</sup>. Com essa justificativa para a nota 9,7 no quesito Enredo, atribuída pelo jurado Aderlan Pereira de Souza, percebe-se uma tentativa de retorno às origens da homossexualidade na narrativa da escola de samba. Também fica evidenciado quem seria, na versão da escola de samba, os ‘fascinantes personagens’ da homossexualidade. A Em Cima da Hora Paulistana, além de trazer esses personagens, canta que “homofobia é crime”, anos antes da decisão do Superior Tribunal Federal. Mas, assim como Os Filhos da Candinha, faz apelo religioso, mesmo defendendo o Estado Laico:

Deus (Oh, meu Deus!)  
Brasil terra abençoada  
Oh! Pátria amada  
País de um governo laico  
É o que manda nossa Carta Magna  
Homofobia não! Para que guerrear?  
Só Deus pode nos julgar  
Fruto da evolução  
Somos todos irmãos.<sup>34</sup>

32 Os Filhos da Candinha – Samba-enredo 2006. 2006. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Carnaval Alegre RS. Disponível em: <https://bit.ly/3uPcFJG>. Acesso em: 12 fev. 2019.

33 Disponível em: <https://bit.ly/3uQeypM>. Acesso em: 7 jan. 2020.



Não podemos dizer, então, que as escolas de samba deixaram ausentes as páginas da história das populações dissidentes do heteroCistema. Desde o Carnaval da Beija-Flor, em 1985, trazendo espaços de sociabilidade para a avenida, passando por citação a casamento entre homossexuais e narrativas que buscam as origens das sexualidades e gêneros desviantes, essas instituições trouxeram, no mínimo, o debate para a sociedade. Exemplo importante é o da Unidos da Tijuca, que usa as liberdades recém-conquistadas para questionar a tão valorizada ‘moralidade’ da população brasileira e para problematizar as sexualidades rigidamente delimitadas, demonstrando as complexidades humanas. As presenças de Roberta Close, Jorge Lafond, Laura de Vison, entre outros desobedientes, também foi importante para essas questões, no mínimo dando visibilidade aos de fora do heteroCistema. Elas e eles, acompanhadas e/ou acompanhados de Madame Satã e Alexandre, o Grande, por exemplo, demonstram também os problemas de se tentar relacionar às identidades sexuais e de gênero ao binarismo imposto sobre as experiências e construções complexas dos seres humanos. Além disso, é importante destacar o canto contra as discriminações e pela conquista de direitos, tanto na área da saúde como na área civil, trazendo para a avenida a aids, o “casamento gay”, o direito à adoção e a criminalização da homofobia.

### 3. Considerações finais

Iniciei este texto utilizando as palavras de Chimamanda Ngozi Adichie. Ela nos diz que as histórias importam. Isso mesmo, as histórias, no plural. Ela diz isso porque a história única tem uma importante consequência: “ela rouba a dignidade das pessoas”. (ADICHIE, 2019, p. 27-28) A Mangueira, no seu ‘desfile-aula’ de 2019, buscou colocar a História do Brasil no plural. Mostrou outras narrativas, trouxe outras personagens, devolveu a dignidade a trajetórias de vida que são esquecidas, sobre as quais geralmente não aprendemos na escola. Além disso, a agremiação fez que as pessoas se questionassem sobre quais histórias não contamos. Este artigo é reflexo desse questionamento. Buscou encontrar nas salas de aula da educação básica e nos desfiles das escolas de samba duas formas de divulgação de conhecimentos históricos, as histórias dos dissidentes do heteroCistema. O que encontramos foi quase a presença de uma história única daqueles que se enquadram nas normas do heteroCistema: cisgênero e heterossexual!

Nas salas de aula da educação básica, percebe-se que, embora existam orientações para o trabalho sobre sexualidade e gênero, as barreiras se multiplicam em diferentes discursos. Medo,

---

34 Carnaval 2014 – GRCBES Em Cima da Hora Paulistana. Samba-enredo. *Acervo Virtual do Carnaval SP*. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/3reaJrW>. Acesso em: 7 jan. 2020.



receio, falta de conhecimento, a quase inexistência de material didático sobre o assunto, entre outros, nos fez considerar a escola de educação básica como uma ‘amoladora de facas’. Embora ela não aperte o gatilho, não seja a mão que soca, não carregue uma lâmpada fluorescente, seu descompromisso no combate à violência contra os desobedientes do heteroCistema a torna corresponsável desses atos. Embora exista uma tímida tentativa de abordagem dos temas referentes aos dissidentes, o pouco que temos é bastante questionável. Não podemos ficar dependentes dos esforços daquelas professoras e professores também dissidentes. O combate às violências é dever de todas as escolas e de todos os profissionais que nela atuam.

Nas passarelas do samba, nesses últimos quarenta anos, parece que pudemos avançar no resgate de histórias que podem empoderar, humanizar e reparar a dignidade despedaçada dos desobedientes do heteroCistema. A presença de Roberta Close, Jorge Lafond, Laura de Vison, entre outros dissidentes, possibilitou a visibilidade e os questionamentos: é ele ou ela? A Unidos da Tijuca, lá nos anos 1980, quando o sopro democrático era forte e virtuoso, encarou críticas e levou para a avenida uma série de desregramentos. “Cama, mesa e banho de gato”, em 1986, trouxe o rompimento das sexualidades fixas. A Lins Imperial, em 1990, trouxe a biografia de Madame Satã – um capoeirista, uma travesti, um homem que gostava de ter relações sexuais com outros homens. Como enquadrar essa trajetória de vida em uma letra? É G ou T? Gays, lésbicas e simpatizantes se tornaram enredo também! A União do Parque Curicica, no Rio de Janeiro, e Os Filhos da Candinha, em Porto Alegre, buscaram contar a história dos dissidentes ou de parte deles, já que as transexualidades tenderam a ficar invisibilizadas ou relacionadas à vida noturna. Em São Paulo, houve até canto informando, antes mesmo do STF, que homofobia é crime. Para isso, a Em Cima da Hora Paulistana também recorreu a uma narrativa cronológica, buscando os dissidentes na antiguidade. De lá, trouxe Alexandre, o Grande, por exemplo.

A história dos dissidentes quase não é contada! Nas escolas, nas aulas de História, estamos criando uma história única, a história da cisgeneralidade e da heterossexualidade: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. (ADICHIE, 2019, p. 22) Aquele que não se torna cis e heterossexual tem a violência e o suicídio nas proximidades. Por isso é importante que se criem materiais didáticos que possibilitem a humanização das e dos dissidentes. Materiais sobre a Revolta de Stonewall, sobre lésbicas, sobre Roberta Close, sobre Madame Satã, sobre Laura de Vison, sobre Jorge Lafond, sobre as e os demais dissidentes. Quem vamos e queremos lembrar? Como vamos fazer isso? Conforme lembra Miskolci (2017, p. 60), “se os materiais pedagógicos existentes forem insuficientes ou desatualizados, há formas criativas para trabalhar”. A história pública pode nos auxiliar? Como vamos nos organizar? Será que, se na educação básica essa história for contemplada, teremos



mais enredos sobre as e os desobedientes nos próximos quarenta anos? Ou será que, se as escolas de samba elaborarem mais enredos sobre os dissidentes, eles passarão a estar mais presentes na educação básica? Precisamos pensar em algo, pois essas ‘páginas ausentes’ da história do Brasil, as dos dissidentes do heteroCistema, precisam se fazer presentes, mesmo se manchadas de sangue.

---

### Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. Apresentação. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 7-18.

ANDRADE, E. P.; ANDRADE, N. História pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura. In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 175-184.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAMPOS, F.; CLARO, R.; DOLHNIKOFF, M. *História nos dias de hoje: jogo da história*, 9º ano. 2. ed. São Paulo: Leya, 2015.

COTRIM, G.; RODRIGUES, J. *Historiar*: 9º ano. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

DIAS, A. M.; GRINBERG, K.; PELLEGRINI, M. *Vontade de saber: história*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 39, p. 39-50, 2011.

FARIAS, J. C. Unidos da Tijuca: o dia em que o pavão tomou um banho de gato na avenida. In: FABATO, F. et al. *As titias da folia: o brilho maduro de escolas de samba de alta idade*. Rio de Janeiro: Novaterra Editora, 2014. p. 98-101.

FARROUPILHA. *Lei nº 4.125, de 10 de junho de 2015*. Aprova o Plano Municipal de Educação. Disponível em: <https://bit.ly/3r1XlXX>. Acesso em: 7 dez. 2019.

FERREIRA, R. A. Cinema, educação e história pública: dimensões do filme Xica da Silva. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 207-224.



- FRANÇA, A. N. M. *Movimentos sociais e o programa Rio Sem Homofobia: uma trajetória de lutas por políticas públicas e o reconhecimento da cidadania LGBT no Rio de Janeiro*. 2018. 155 fls. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas em Direitos Humanos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- MAUAD, A. M. O carnaval da história pública. In: ALMEIDA, J. R.; MENESES, S. (org.). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 227-234.
- MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EDITORA MODERNA (org.). *Araribá mais: história*. São Paulo: Moderna, 2018.
- NEMI, A. L. L.; REIS, A. R.; MOTOOKA, D. Y. *Geração alpha história: ensino fundamental*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018.
- NEVES, A. L. M.; SILVA, I. R. *Diversidade sexual e protagonismo dos professores: uma análise sócio-histórica dos significados*. São Paulo: Martinari, 2015.
- SIMAS, L. A.; FABATO, F. *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.
- SOARES, B. B. Os homossexuais na história: relações de poder e a classificação do gênero na historiografia contemporânea. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29., 2017, Brasília, DF. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília, DF: Associação Nacional de História, 2017. p. 1-17.
- SOUZA, D. G. Diversidade sexual e de gênero no ensino de história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – HISTÓRIA E O FUTURO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, 30. 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife: Associação Nacional de História, 2019. p. 1-15
- TEIXEIRA, A. P. T.; CARVALHO, B. L. P. Introdução: os lugares do historiador-divulgador. In: TEIXEIRA, A. P. T.; CARVALHO, B. L. P. *História pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 9-24.
- VICENTINO, C.; VICENTINO, J. B. *Teláris história: 9º ano*. São Paulo: Ática, 2018.

